

## Uso político do discurso de ódio às pessoas LGBTQIA+ como estratégia de manipulação das massas

The use of hate speech against LGBT people by politicians as a strategy of manipulating the masses

Solange Maria de Barros  
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Arivan Salustiano da Silva  
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

### Resumo

Neste trabalho objetivamos, por meio da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE; RAMALHO, 2006), operacionalizar a crítica explanatória (BARROS, 2015) acerca de discursos de cunho homofóbico, proferidos por agentes políticos em três lugares, geograficamente situados na Polônia, no Brasil e em Mato Grosso, numa espécie de gradação. Em comum, os atores sociais têm o uso do discurso de ódio (GLUCKSMANN, 2007) às pessoas LGBTQIA+ como mote e elemento agregador de apoiadores. Os enunciados foram obtidos por meio de reportagens publicadas por veículos de mídia. Procuramos desvendar os modos de operação da ideologia (THOMPSON, 2011) empregados, a fim de compreender os mecanismos envolvidos na manutenção de tais discursos e sua disseminação em meio às sociedades alvo. À luz de autores da chamada Teoria Queer (MISKOLCI, 2012; COLLING, 2018; BELTRÃO; BARROS, 2019; OLIVEIRA et al., 2020), trazemos à baila a necessidade de resistir ao fomento desse tipo de ódio por entes políticos, no sentido de contribuir para um mundo melhor, em que todas as pessoas possam viver, tendo seus direitos como seres humanos respeitados.

**Palavras-chave:** Discurso de Ódio. Pessoas LGBTQIA+. Políticos Populistas.

### Abstract

Through this paper we aim, using the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE & RAMALHO, 2006), to perform an explanatory criticism (BARROS, 2015) on homophobic discourses said by politicians in three places: Poland, Brazil and the Brazilian state called Mato Grosso. In common, these politicians have the use of hate speech (cf. GLUCKSMANN, 2007) against LGBT people as a strategy to attract people who also think like them. The utterances we analyze are taken from media news websites. We try to unveil the modes of operation of ideology (THOMPSON, 2011) in order to understand the mechanisms involved to keep and spread the kind of hate speech we focus on. Enlightened by the Queer Theory (MISKOLCI, 2012; COLLING, 2018; BELTRÃO; BARROS, 2019; OLIVEIRA et al., 2020), we look forward to stablish resistance face to this kind of hate speech politically used, trying to contribute in the construction of a better world, where everybody can keep alive, being respected as human beings.

**Keywords:** Hate Speech. LGBT People; Populist Politicians.

### Informações do artigo

Submetido em 22/01/2022  
Aprovado em 23/03/2022  
Publicado em 29/04/2022.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2022.v22n1.p63-78>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Como ser citado (modelo ABNT)

BARROS, Solange Maria de; SILVA, Arivan Salustiano da. Uso político do discurso de ódio às pessoas LGBTQIA+ como estratégia de manipulação das massas. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 22, n. 1, p. 63-78, jan./abr. 2022.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste texto procuramos analisar o discurso de entes governamentais no que tange à temática LGBTQIA+, localizadas em três lugares geográficos: Polônia, Brasil e Mato Grosso, mais especificamente, numa espécie de gradação, do internacional ao mais local (os autores residem em Mato Grosso), sendo os agentes sociais que proferem os discursos líderes políticos do poder executivo, legislativo ou líder partidário.

Por meio da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOGH, 2003; RESENDE & RAMALHO, 2006), dentro do *significado representacional*, notadamente por meio da categoria do *interdiscurso*, procuramos operacionalizar uma *crítica explanatória* (BASKHAR, 1998; BARROS, 2015). Acreditamos que a compreensão dos processos de construção da realidade por meio do discurso é fundamental na direção de fazer frente a ataques, propiciando a reflexão necessária para que os sujeitos em desvantagem possam tomar partido na defesa de seus interesses e lutem contra os discursos e práticas sociais que os oprimem.

É triste constatar que se *discursos de ódio* (GLUCKSMANN, 2007) às pessoas LGBTQIA+ são usados por líderes políticos populistas é porque parte considerável das populações nesses lugares é homofóbica. Entendemos que evidenciar e denunciar os *modos de operação da ideologia* (THOMPSON, 2011) empregados para construir a ideia de que pessoas não-heterossexuais seriam execráveis pode ser um caminho para oferecer a chance de questionar tais “verdades”, abrindo a possibilidade de emancipação e mudança discursiva e de prática social, na direção de uma sociedade mais saudável, em que as pessoas tenham o direito de serem quem são.

Metodologicamente, os excertos que submeteremos à análise foram extraídos de veículos de mídia jornalística publicados na Internet: o jornal estadunidense *The New York Times*, a Revista Fórum, e o site G1 Mato Grosso. Da reportagem do jornal estadunidense obtivemos transcrições de falas de autoridades, líderes políticos e religiosos poloneses; da Revista Fórum, transcrições de um pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro a seus apoiadores no ‘cercadinho’; e do site G1 Mato Grosso, a reprodução de uma publicação do deputado estadual Gilberto Cattani, realizada em uma de suas redes sociais.

A seguir, apresentamos o contexto de situação em que os excertos em análise surgiram, oferecendo a quem lê o devido momento sócio histórico que emoldura as

manifestações em questão. Na sequência, passamos à análise propriamente dita do discurso das autoridades elencadas.

## 2 CONTEXTUALIZANDO AS TRÊS REPORTAGENS

Como dito anteriormente, procuramos fazer uma espécie de triangulação de dados, trazendo à baila discursos proferidos por lideranças políticas de três diferentes lugares geográficos, mas que comungam de uma mesma forma de pensamento a respeito das pessoas LGBTQIA+, e mais do que isso, atuam discursivamente de maneira a usar seu posicionamento como arma política populista, insuflando ódios homofóbicos arraigados nas populações dos três territórios.

### 2.1 Polônia

A primeira das reportagens é do jornal estadunidense *The New York Times*, de 24 de abril de 2021, intitulada “*In Poland, an L.G.B.T.Q. migration as homophobia deepens*”, em que se reporta um processo de migração de pessoas LGBTQIA+ que tem ocorrido como forma de escapar de discursos e práticas sociais ultraconservadoras que têm tomado conta do país, onde ataques a esta população, sejam físicos, psicológicos, simbólicos, materiais entres outros, têm se tornado corriqueiros e incentivados pelo governo central, conseguindo ressonância no interior do país. A Igreja Católica é apresentada na reportagem como parceira do governo nesse processo de criar um clima de hostilidade para pessoas não-heterossexuais, com um discurso que classifica ser gay como “*ideology*”, chegando a denominar a existência dessas pessoas como “*rainbow pest*”, nas palavras do arcebispo Marek Jędraszewski

A reportagem salienta que, segundo dados do instituto ILGA-Europe de 2020, uma organização internacional de direitos dos gays, a Polônia é hoje o país mais homofóbico da Europa. Contudo, informam ainda que não há dados precisos de quantos são os habitantes LGBTQIA+ nem quantos estão deixando o país. Como nunca houve união estável ou casamento para essas populações, há um apagão estatístico, e “se não há estatísticas, não há problema” (em tradução livre), disse Jacek Dehnel, um escritor que emigrou para Berlim com o marido por conta de uma bolsa de estudos. Este casal, inclusive, decidiu não voltar à Polônia diante dos horrores

vivididos por pessoas LGBTQIA+, notoriamente no verão do ano de 2020, quando houve uma campanha eleitoral pela presidência no país.

Ainda segundo a reportagem, durante o período eleitoral em questão, era comum nas cidades caminhões com alto falantes veicularem mensagens de ódio às pessoas LGBTQIA+, até mesmo associando-as à pedofilia. Um outro movimento estarrecedor é o observado em mais de 100 localidades que se declararam “livre da ideologia LGBT”, como é o caso de Krasnik, na região de Lubelskie, o que muito lembra o discurso de uma suposta ‘ideologia de gênero’, largamente difundido do Brasil.

## 2.2 Brasil

Em nível de Brasil, chamamos a atenção para o discurso do presidente da república, Jair Bolsonaro, veiculado pelo site da Revista Fórum, em 28 de abril de 2021. A reportagem recebeu o seguinte título: “Acuado com CPI do Genocídio, Bolsonaro recorre à homofobia para atacar PT e Lula”.

O enunciado que analisaremos mais à frente, segundo a reportagem, foi uma tentativa de lançar uma cortina de fumaça para enuviar a derrota do governo em impedir a instalação da CPI da Pandemia, e também por não conseguir impedir que o senador Renan Calheiros fosse o relator. Diante disso, o presidente faz a seus apoiadores uma narração de um suposto episódio ocorrido durante um pronunciamento do então presidente Lula, acompanhado de outros personagens importantes do Partido dos Trabalhadores, em que dois homens supostamente se beijam. A narrativa procura trazer à tona, mais uma vez, um de seus maiores carros-chefes de campanha: o discurso de ódio às pessoas LGBTQIA+, muito caro a seus seguidores e que certamente foi um dos mais importantes para sua eleição em 2018 (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

## 2.3 Mato Grosso

Para completar nossa tríade de lugares em que personagens políticos emitem discurso de ódio às pessoas LGBTQIA+, falando de um agente social mais próximo aos que vivem em Mato Grosso, temos a reportagem do portal G1 Mato Grosso, de 19 de maio de 2021, intitulada “Deputado de MT posta que ‘ser homofóbico é uma

escolha e que ser gay também’ e gera repúdio de entidades”. A manchete já contém o enunciado que será submetido à análise neste trabalho, tratando-se de uma manifestação do parlamentar Gilberto Cattani, realizada em rede social oficial de seu mandato, enfrentando forte resistência por parte de entidades ligadas aos direitos de pessoas LGBTQIA+ e outras da sociedade civil.

A seguir, passamos a analisar mais detidamente os discursos proferido pelas autoridades políticas em questão. Faremos uma divisão tendo a localização geográfica como parâmetro e aplicando os pressupostos teórico-metodológicos da ACD como meio de abordar os discursos. Os subtítulos serão enunciados trazidos nas reportagens, apresentados como categorias de análise.

### 3 “RAINBOW PEST”

*Marek Jedraszewski, arcebispo da Polônia*

O catolicismo conservador predominante no país do leste europeu, associado à postura ultraconservadora do partido da Lei e Justiça, que domina a cena política polonesa, formam os pilares do processo de estigmatização muito forte por que passam as pessoas LGBTQIA+ naquele país e tem motivado um significativo êxodo desta população.

Neste trabalho, dentro do *significado representacional* de Fairclough (2003), focamos na categoria do *interdiscurso* para empreender o exercício de análise. E como postulam Resende & Ramalho (2006, p. 72), a identificação desta categoria deve se dar em duas etapas: a – a identificação de que partes do mundo são representadas (temas centrais); e, b – a perspectiva particular pela qual são representadas. As autoras lembram, ainda, que a maneira evidente, mais distintiva de construir uma visão particular das coisas é o *vocabulário*, já que diferentes discursos lexicalizam o mundo de maneiras distintas.

Em abril de 2019, Jaroslaw Kazynski, líder do partido da Lei e Justiça e quem de fato manda na Polônia, assim se referiu aos homossexuais, segundo o *The New York Times*:

Excerto 1

“**Threat to Polish identity**, to our **nation**, to its **existence**, and thus to **Polish state**”.

Ao referir-se às pessoas homossexuais como uma ‘ameaça’, evocando termos como ‘identidade polonesa’, ‘nação’, ‘estado polonês’, cuja ‘existência’ estaria em risco, tais vocábulos ajudam a dar a tônica de uma realidade atual do país presumida como algo bom e desejável, aquilo que é conhecido e seria obra do esforço de todos para construir e que poderia vir a ruir diante da ‘ameaça’ homossexual. Isso dito em um país em que muitos são afeitos a conservar as coisas como estão, o intuito nos parece ser o de construir o que Oliveira *et al.* (2020) chamam de ‘pânico moral’.

Segundo Oliveira *et al.* (2020, p. 31), o termo ‘pânico moral’ foi cunhado por Stanley Cohen que, em 1972, o utilizou ao referir-se a confrontos e episódios de vandalismo protagonizados por grupos rivais na Inglaterra dos anos 1960, teorizando sobre a reação das pessoas que se sentiam ameaçadas por determinados grupos ou tipos sociais. “Desencadeia-se um processo de sensibilização social que resulta em forte reação coletiva contra o(s) agente(s) que causa(m) o medo coletivo” (BARROS & LEMOS, 2018 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 31).

Miskolci (2007, p. 112), ao referir ao ‘pânico moral’, lembra que este está atrelado a processos de medo e pressões por mudança social, sempre com base nos valores e pontos de vista do grupo que se sente ameaçado na luta por hegemonia e poder. Oliveira *et al.* (2020) salientam ainda que o pânico é moral, uma vez que aciona uma pretensa ameaça à ordem social. E isso é bem o que vemos no discurso de Kazynski. O ‘ser polonês’ estaria ameaçado, em perigo de deixar de existir frente à terrível ameaça de uma suposta ‘ideologia homossexual’, que poderia afetar o país em suas bases. Diante disso, parece ficar subentendido que existe uma oposição inevitável entre ‘nação’ e ‘homossexuais’, em que somente um dos dois pode sobreviver.

Tal discurso, partindo daquele que domina a cena política do país, apregoa esta representação da realidade naquilo que Resende & Ramalho (2006, p. 71) colocam como num alto grau de *repetibilidade*. Dada a importância social do líder do partido que governa o país, seu discurso exerce forte influência junto à população, encontrando ressonância também nos enunciados proferidos por governos locais, numa rede discursiva que reforça e torna tal visão particular de mundo hegemônica.

Na esteira de Kazynski, Przemyslaw Czarnek, deputado do mesmo partido, que foi promovido a Ministro da Educação, proferiu o seguinte enunciado numa entrevista a um canal local no ano de 2020:

Excerto 2

**“We should defend families from this type of corruption, depravation, absolutely immoral behavior”.**

**“These people are not equal to normal people”.**

Ao reforçar o pânico moral por meio de seu enunciado, o Ministro da Educação conclama os cidadãos à defesa das famílias, discurso recorrente em muitas partes do mundo quando se fala em relações não-heterossexuais. Ao empregar o modal *should* imprime uma conotação de conselho, não de obrigação, mas daquilo que seria prudente e inteligente a se fazer, como aquele que detém grande sabedoria e distribui bons conselhos ao povo. Ao evocar a forma verbal *defend*, fica implícito que isto é uma guerra e o emprego do pronome *we*, denota que todos, ele e a audiência, precisariam tomar parte em tal empreendimento belicoso.

Ainda dentro do que Fairclough (2003) salienta a respeito de no *interdiscurso* as diferentes perspectivas de mundo lexicalizarem o mundo de formas distintas, nos chama a atenção o conjunto de classificações que Czarnek atribui a homoafetividade: *“corruption, depravation, absolutely immoral behavior”*. Do lugar social de onde ele fala, o que para nós, autora e autor, é expressão de amor, liberdade, verdade, para ele é corrupção, depravação e imoralidade.

Ao enunciar *‘these people’* (homossexuais), imprime um tom de apartamento, um distanciamento em relação às pessoas que ele denomina como *‘normal people’*. Parece procurar delimitar as pessoas LBGTQIA+ como abjetas, aquelas que, nas palavras de Miskolci (2012, p. 40), despertam “horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante”. É como se quisesse provocar nas pessoas um desejo de afastar-se cada vez mais daquilo que não seria ‘normal’, sendo o lugar dessa suposta normalidade confortável, desejável, correto. “Normal” ganha uma acepção de ‘correção’, já que seria o comportamento esperado, ao menos aos olhos das sentinelas sociais, e não teria a significação de ‘aquilo que se encaixa nas normas’, que as pessoas seguem indiscriminadamente, já que revestidas ideologicamente da ideia de que é algo natural, sem se darem conta de que são construções sociais a serviço de interesses de grupos privilegiados.

Ao conclamar os cidadãos poloneses a se engajarem numa suposta luta em defesa da ‘família’, o Ministro da Educação faz uso de dois *modos de operação da ideologia* (THOMPSON, 2011), a saber: 1 – *Legitimação*, quando relações de

dominação são apresentadas ou mantidas como legítimas, por meio da estratégia de construção simbólica denominada *universalização*, em que a representação particular de família dita tradicional é apresentada como servindo ao interesse de todos; 2 – *Fragmentação*, por meio da estratégia de construção simbólica chamada de *expurgo do outro*, que busca representar indivíduos ou grupos, no caso as pessoas LGBTQIA+, como inimigos que devem ser combatidos.

#### 4 “CENA DANTESCA”

*Jair Messias Bolsonaro – Presidente do Brasil*

Passamos aqui a discorrer sobre um pronunciamento feito pelo presidente da República Federativa do Brasil, no ‘cercadinho’ em que interage apenas com sua claqué, depois do fracasso do governo em impedir a instalação da CPI da Pandemia e, um segundo insucesso, já que posta a CPI, de impedir que Renan Calheiros, opositor ao governo, fosse o relator. Para insuflar o apoio de seus correligionários e tirar o foco da derrota governamental, isso expresso pela revista digital de onde retiramos o enunciado, o presidente diz seguinte:

Excerto 3

“Tem uma cena dantesca: num evento tá o Lula, acho que a Dilma, O Haddad atrás, Celso Amorim e **dois homens se beijando**, mas de língua. Parecia aqueles casais apaixonados do Titanic, coisa inacreditável. Cada um vai fazer amor, ser feliz como bem entender. Agora, aquela cena... Um presidente da república, sorrindo, de deboche, como se fosse uma coisa mais linda do mundo”

**“Cada um vai ser feliz como bem entender, entre 4 paredes, na sua intimidade. Agora, publicamente nem um casal hétero pega bem isso daí. Você não vê mais aquela doutrinação, aquela sexualização na escola. Praticamente zerou no nosso governo”.**

Bolsonaro e o bolsonarismo têm conseguido promover em nosso país aquilo que Glucksmann (2007, p. 10), já na introdução de seu célebre livro acerca do *discurso de ódio*, chama atenção como sendo uma característica de sociedades dominadas por tal sentimento: amigos e familiares que antes se amavam, agora se agridem mutuamente. O mesmo autor chama a atenção para o fato de que o ódio “nada mais

é do que o resultado deteriorado da falta de educação. Educação que se vangloria de abolir o que não existe” (GLUCKSMANN, 2007, p. 11). Parece até que escreveu predizendo o que se vê no Brasil atual e se materializa no discurso do presidente no final do excerto acima. Ao enunciar que “aquela doutrinação, aquela sexualização na escola” que teria deixado de existir em seu governo, recorre a uma narrativa enviesada, em que educação sexual se confunde com sexualização de crianças, reforçando a ideia de *pânico moral* contra as pessoas LGBTQIA+, a quem o mandatário da nação atribui tal postura, pânico este que o levou ao poder em 2018 (OLIVEIRA *et al.* 2020) e ao qual ele recorre sempre que ameaçado, já que seria para si uma espécie de tábua de salvação.

A Teoria Queer (MISKOLCI, 2012; COLLING, 2018; BELTRÃO & BARROS, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2020) vê na educação e na escola papel preponderante na criação de homens ideais, como instrumento de ‘adestramento’, por assim dizer, das massas no sentido de adequá-las aos interesses dos grupos dominantes. Oliveira *et al.* (2020), ao referirem-se a Bolsonaro e outros líderes políticos e religiosos, postulam que estes subvertem conceitos de gênero e sexualidade tratando-os como “ideologia de gênero”. Isto posto, como este governo parece ter bem clara a função da escola como aparelho ideológico de estado (ALTHUSSER, 1998), fez-se dos espaços educacionais lugares privilegiados de embates no sentido de tornar hegemônico o discurso governamental que usa a heterossexualidade compulsória como ‘regime político’ (TOLENTINO & BATISTA, 2017).

Contudo, queremos chamar mais a atenção ao discurso que o presidente tem muito difundido em suas falas acerca da forma como encara a sexualidade das pessoas LGBTQIA+, com uma pretensa aura de respeito às individualidades, que só busca camuflar seu ódio e promover um apagamento de tais pessoas. Ao enunciar “Cada um vai ser feliz como bem entender, entre 4 paredes, na sua intimidade. Agora, publicamente nem um casal hétero pega bem isso daí”, procura promover a heteronormatividade compulsória (COLLING, 2018), dentro do que Miskolci (2012) assinala como uma ideia de que a heterossexualidade seria o ‘natural’ e, portanto, desejável. Para um governante que se elegeu e governa com base em *fake news*, teorias conspiratórias e acordos questionáveis, parece bem coerente uma sociedade em que as pessoas vivam como querem na intimidade, mas performem socialmente os papéis determinados pelas instâncias de poder.

Ao ver sua cadeira ameaçada, trata de evocar aqueles ou aquele que mais ameaça seu posto e imputar-lhe a pecha de conivente com o que seus correligionários consideram imoral e absurdo: “(...) dois homens se beijando, mas de língua. (...) Um presidente da república, sorrindo, de deboche, como se fosse uma coisa mais linda do mundo”. Ao iniciar sua narrativa, usando um termo ligado à literatura, coisa no mínimo estranha para o aporte cultural do presidente, denomina a cena que narraria como ‘dantesca’, que nos remete à Dante Alighieri e sua Divina Comédia, significando mais especificamente o ‘inferno’, descrito pelo autor em sua obra. Evidentemente, o cunho religioso, ligado a correntes do Cristianismo que procuram estar sempre revozeando discursos homofóbicos como forma de agregar ódios e odiosos, promove a segregação e estigmatização das pessoas LGBTQIA+, condenadas ao inferno na visão desses agentes, o que seria extensivo à Lula e aos outros atores políticos que estariam com ele, segundo a narrativa. É como nos lembra Glucksmann (2012, p. 22), trazendo um excerto de Poliakov, em que o autor comenta que os valores morais, a educação que recebem, não impedem os homens de sucumbirem diante do ímpeto de ódio. A ideologia e a moral podem servir para os homens manipularem os mais sublimes evangelhos para justificar suas práticas.

Há que se lembrar a operação de um modo ideológico de construção simbólica aqui, que Thompson (2011) chama de *legitimação*, por meio da estratégia de *narrativização*, em que o presidente recorre a uma historinha, buscando no passado a legitimação de ações e discursos que profere no presente.

## 5 “SER HOMOFÓBICO É UMA ESCOLHA”

*Gilberto Cattani*

Excerto 4

“Ser homofóbico é uma **escolha** e ser gay também”

Concluindo esta tríade de lugares em que discursos de ódio às pessoas LGBTQIA+ foram recentemente noticiados, trazemos um enunciado proferido pelo deputado estadual Gilberto Cattani, do PL de Mato Grosso, que assumiu o lugar de Silvio Fávero, falecido em decorrência da COVID-19.

Entendemos que o mais evidente e forte no enunciado do deputado é o ressoar de um discurso, muito comum entre alguns líderes religiosos, que costumam apresentar as orientações não-heterossexuais como ‘opção sexual’. Este termo, largamente usado pelas pessoas em geral, já que ideologicamente naturalizado, é recorrente nas mídias e proferido por personalidades famosas, que muitas das vezes, a bem da desnaturalização desse discurso, são corrigidas e instruídas a utilizarem o termo ‘orientação sexual’, muito mais adequado. Particularmente, gostamos mais do termo ‘condição sexual’, já que entendemos que seja algo dado e que não se possa mudar.

Certamente o deputado Cattani conhece o termo adequado ‘orientação sexual’, mas quis enunciar, às vésperas do mês do orgulho LGBTQIA+, algo que o demarcasse como opositor às lutas e demandas desta população. Ao igualar as supostas ‘escolhas’ – ser homofóbico e ser gay – reforça a falsa ideia de ‘opção sexual’ e parece imputar culpa às pessoas gays pelas agressões que sofrem por parte daqueles que ‘escolheram’, nas palavras do parlamentar, serem homofóbicos.

Entendemos que o deputado busca construir simbolicamente a ideia de que a homofobia é algo compartilhado por todos – *unificação* (THOMPSON, 2011). Procura reforçar ideologicamente uma noção de unidade em torno do tema, ao constatar que tal postura agrada grande parte do eleitorado mato-grossense. Não deixa, também, de ter um tom intimidatório, em que discordar pode levar à exclusão do sujeito da comunhão social, forçando uma identificação coletiva em torno da opinião defendida pelo parlamentar.

Colling (2018) traz a problemática do termo ‘homofobia’ à baila, uma vez que não daria conta dos preconceitos vividos pelas muitas identidades sexuais. Contudo, neste trabalho, usamos o termo como sinônimo do ódio às pessoas não-heterossexuais, já que talvez seja o termo mais difundido no Brasil e também porque é o usado pelo deputado Cattani em seu enunciado.

Colling (2018, p. 42), ainda ao falar do conceito de homofobia, também salienta o caráter cultural e de problema social em que tal postura se constitui. Os radicais gregos homo (igual) e fobia (aversão, medo) podem sugerir, para alguns, uma doença, como algo constitutivo. Contudo, o autor marca bem o fato de que pode até ser a homofobia uma doença. No entanto, seria uma doença social, construída por conta de normas hegemônicas em torno de sexualidades e gêneros. Sendo assim, há caminho para expurgar tal doença da sociedade. Só fica mais difícil que isto aconteça

se discursos como o do deputado Cattani continuarem sendo reproduzidos e legitimados pela população.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escolha por esta divisão geográfica se deu no sentido de mostrar que tais discursos estão espalhados pelo mundo e estão difusos muito perto de nós. Avizinha-se mais um pleito eleitoral em 2022, no qual o presidente da república, governadores, senadores e deputados serão escolhidos. A impressão que temos é a de que as lideranças políticas já estão em campanha, pavimentando seu caminho com o uso de discursos como o proferido pelo deputado mato-grossense, por exemplo. Tememos que possamos ter, neste ano eleitoral, realidades como as da Polônia, trazidas neste trabalho.

Como afirma Colling (2018, p. 62), a militância LGBTQIA+ é sobre direito ao respeito e à vida. Combater políticas e discursos que atentem contra a dignidade dessa população torna-se imperativo. É preciso resistir e demarcar nosso espaço na vida social, a despeito dos discursos hegemônicos e colonizatórios, que querem relegar às pessoas LGBTQIA+ os guetos de prostituição, por exemplo, onde os hipócritas ‘consomem’ serviços sexuais de pessoas não-heterossexuais, realizando suas fantasias mais inconfessáveis. Mas, ‘entre quatro paredes’, como enunciou o presidente, tudo bem.

Glucksmann (2007, p. 11) postula que o ódio é a manifestação do desejo de destruir, sendo as razões - raça, orientação sexual, classe social, religião, etc. - nada mais que circunstâncias favoráveis para liberar o ímpeto de destruir por destruir. Quando Tolentino e Batista (2017) afirmam que racismo, sexismo, e heterossexismo vêm do mesmo lugar, concordamos entendendo que venham do íntimo odioso das pessoas.

Entretanto, isso tudo é favorecido pelo clima instalado em nosso país e em várias partes do mundo, em que a defesa do que é pretensamente ‘natural’ e ‘neutro’ evidencia uma perspectiva masculina, branca, ocidental, cristã e heterossexual (MISKOLCI, 2012). E isso daria salvo conduto e até incentivo para posturas que combatam o que não se encaixe nesses padrões, como uma luta salutar em defesa dos ‘valores’ tidos como mais nobres.

Beltrão & Barros (2019, p. 73), evocando o conceito de *ordem do discurso* (FAIRCLOUGH, 2003), apresentado como uma rede estável que influencia a produção e a reprodução discursiva, variando de acordo com o momento em que é produzido, nos chamam a atenção para a agência que precisamos empreender, no sentido de resistir e fazer frente aos discursos ultraconservadores que se fortalecem no Brasil. Parece haver uma clara intenção de tornar hegemônica uma ordem discursiva que legitime e difunda ainda mais discursos de ódio, que podem, dialeticamente, redundar em mais práticas sociais de exclusão e violências de toda sorte.

A luta parece inevitável e precisamos estar preparados e dispostos a defender o direito de sermos quem somos. Mesmo num país tão miscigenado e supostamente aberto às diferenças, sabemos o poder dos discursos homogeneizantes, que apresentados por líderes populistas, assessorados por setores da sociedade, como as igrejas, por exemplo, podem instalar realidades repressoras, em que a democracia e a liberdade podem estar seriamente ameaçadas.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (Notas para uma investigação). Trad. Vera Ribeiro. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARROS, S. M. **Realismo Crítico e Emancipação Humana** – Contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso. Campinas, SP: Pontes, 2015.

BELTRÃO, M; BARROS, S. M. Análise intertextual de Orientações Educacionais para LGBTQ+ de Mato Grosso. In: BELTRÃO, M; BARROS, S. M. **Transgressão como prática de resistência**: um olhar crítico sobre os estudos Queer e a Socioeducação. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2019.

COLLING, L. **Gênero e sexualidade na atualidade**. UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2018.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**. London and New York: Routledge, 2003.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2012.

OLIVEIRA *et. al.* A construções do pânico moral a partir das questões de gênero e sexualidade nos discursos ultraconservadores no Brasil. **Revista Ex Aequo**. N. 41, 2020.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2011.

TOLENTINO, J. G.; BATISTA, N. F. Gênero, sexualidade e decolonialidade: reflexões a partir de uma perspectiva lésbica. Dossiê Diálogos entre Antropologia e Arqueologia: contribuições e desafios. **Revista Três Pontos**. V. 14, N. 1, 2017.

## **DADOS DOS AUTORES**

### **Solange Maria de Barros**

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente efetiva da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Emancipatória em Linguagem (Nepel) da UFMT. E-mail: [solmarbarros@gmail.com](mailto:solmarbarros@gmail.com).

### **Arivan Salustiano da Silva**

Doutorando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Emancipatória em Linguagem (Nepel) da UFMT. E-mail: [arivanss@gmail.com](mailto:arivanss@gmail.com).